



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH
ESCOLA DE EDUCAÇÃO**

CORDEL: LINGUAGEM, EDUCAÇÃO E IDENTIDADE.

BRUNA DE OLIVEIRA BRANTES DOS SANTOS TORRES FERNANDES

Rio de Janeiro

2013

BRUNA DE OLIVEIRA BRANTES DOS SANTOS TORRES FERNANDES

CORDEL: LINGUAGEM, EDUCAÇÃO E IDENTIDADE.

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia, pela Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof^o Doutor Alberto Bruno Roiphe

Agosto de 2013

Dedico este trabalho à minha amada filha que me dá forças para continuar, aos meus pais que acreditou nos meus sonhos e me mostrou que eu era capaz de realizá-los e ao meu esposo pela nossa família linda.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus que nunca me desampara e me mantém firme diante dos obstáculos. Ao meu orientador Alberto Roiphe pela paciência e confiança em mim. Em especial aos meus pais: Edicéia, minha mãe do coração, sou grata pelos puxões de orelha, por ser minha companheira e acima de tudo por acreditar em mim; Eduardo Henrique, meu pai, meu exemplo de seriedade obrigada por seu apoio sempre; Maria da Conceição, minha querida mãezinha, muito obrigada por me ensinar a ter fé e ser um exemplo de guerreira. À minha filha Victória pelo seu amor e carinho. À minha eterna titi Sônia Cristina. À minha sogra Marilene que cuida da minha “malinha” para que eu possa trabalhar e estudar. Ao meu esposo Thiago Torres que contribui para minha superação. Aos amigos que me acompanham nesta longa jornada onde vivemos experiências maravilhosas, em especial à Caren Régis, Daniele Duque, Edenize Santos, Haline Santos, Helena Diniz, Henrique Dias, Jéssica Aguiar, Leonardo Moreira, Luiza Helena, Mariane Fatá, Renata Souza, Renato Padilha, Ricardo Fernandes, Rui Cláudio, Tamara Martini, Thiago Santos, Valéria Paixão e Viviane Silva.

Obrigada queridos por me tornarem quem sou!

“Nós somos a língua que falamos. A língua que falamos molda nosso modo de ver o mundo e nosso modo de ver o mundo molda a língua que falamos.”

(BAGNO)

RESUMO

O presente trabalho monográfico propõe uma discussão importante acerca das variantes linguísticas que também estão presentes na língua escrita, mostrando sua relevância para a educação e como se apresentam na literatura de cordel. Remeto-me a autores que contribuem na área da linguística e nos estudos sobre a literatura de cordel, de forma a analisar através da literatura de folhetos a diversidade linguística que está presente na cultura brasileira e perceber a manifestação da oralidade no emprego das palavras do folheto escolhido para análise.

Palavras-chave: variante linguística; literatura de cordel; educação; preconceito linguístico.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do cordel escolhido para análise	18
Figura 2 – Agradecimento	22
Figura 3 – Contracapa	22

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 – A LÍNGUA E SUAS IDENTIDADES	10
1.1 A variação linguística e suas implicações na educação.....	10
1.2 Conhecendo a literatura de cordel.....	14
CAPÍTULO 2 – LENDO O CORDEL.....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS.....	30

INTRODUÇÃO

O curso de pedagogia me possibilitou um crescimento pessoal bastante significativo, as experiências e vivências que presenciei foram sem dúvidas de uma riqueza imensurável.

Desde o início da graduação estive inserida na pesquisa e principalmente na extensão. Com o foco em comunidades tradicionais, especialmente a comunidade Quilombola em Santana (RJ).

O que gerou contato com pessoas simples de pouco estudo e de uma enorme sabedoria. As conversas acolhedoras e as oficinas pedagógicas eram realizadas com as crianças e também com os adultos da comunidade.

Trouxeram ao grupo de universitários ao qual eu fazia parte, uma experiência ímpar. A gratidão deles pela nossa atenção e principalmente pelas aprendizagens ocorridas nessa convivência era percebida no discurso e na mudança de postura deles depois de algumas oficinas pedagógicas.

Conseguíamos então observar uma elevada autoestima e o reconhecimento de sua identidade.

Viviam isolados da cidade e muitas vezes percorriam quilômetros a pé para trabalhar e até mesmo estudar. Infelizmente muitos não conseguiam prosseguir nos estudos. São guerreiros que merecem nosso respeito e admiração.

Desde então a valoração da identidade de cada um tem me atentado e me inquieta perante a nossa realidade brasileira.

Ao discutir essas aprendizagens com jovens e crianças da rede pública e privada do Rio de Janeiro, percebíamos o quanto estes sujeitos e tantos outros que vivem a margem da sociedade são negados e desconhecidos.

Ao ingressar na monitoria da disciplina de língua portuguesa na educação entrei em contato com a literatura de cordel, que era pouco conhecida por mim.

Das leituras que fiz pude ver cada memória, cada retrato que compõe a identidade brasileira e percebi que o cordel é marcado pela sociedade contemporânea refletindo valores e a realidade vivida.

O presente trabalho monográfico propõe uma discussão importante acerca das variantes linguísticas que também estão presentes na língua escrita, mostrando sua relevância para a educação e como se apresentam na literatura de cordel.

Utilizei como fonte teórica para os meus estudos o livro de Márcia Abreu *História de cordéis e folhetos*, que nos proporciona um passeio na literatura de cordel portuguesa e também na literatura de folhetos nordestinos apontando as semelhanças e divergências presentes nas duas e desvelando o mito de que a literatura de folhetos nordestina advém da lusitana.

Também fiz leitura do texto *Sociolinguística - os níveis da fala* de Dino Preti que nos traz orientações a cerca das variantes linguísticas.

Ainda utilizei o livro de Marcos Bagno *Preconceito linguístico: o que é, como se faz* que traz reflexões sobre a nossa língua materna desconstruindo mitos acerca do ensino da língua portuguesa pautado nas variantes linguísticas ocasionadas por fatores culturais como o tempo, o espaço e as pessoas.

O trabalho está estruturado basicamente em quatro partes: introdução, dois capítulos e considerações finais.

No primeiro capítulo “A língua e suas identidades” procuro discorrer sobre as variantes linguísticas relacionando-as a educação formal e ainda sobre a literatura de cordel como resultado da cultura brasileira.

No capítulo 2 “Lendo o cordel” escolhi um folheto de cordel, para analisar toda sua estrutura verbal e visual.

E por fim, trago algumas considerações finais sobre a pesquisa.

CAPÍTULO 1 – A LÍNGUA E SUAS IDENTIDADES

1.1 A variação linguística e suas implicações na educação

O objetivo deste primeiro capítulo é tratar das variantes linguísticas, um conceito abarcado pela sociolinguística (subárea da linguística que estuda a língua em relação a sociedade e seus fatores sociais e culturais).

Para tanto, consideramos variedades de uma mesma língua quando atendem às necessidades espaciais, sexuais, etárias, dentre outros fatores, que são determinadas por uma sociedade que se caracteriza de forma dinâmica se transformando com o tempo, a todo o momento.

De acordo com Preti (2003) podemos entender a língua como a expressão dos nossos sentimentos e emoções, como uma identidade social a qual ocorre a variação histórica, social e geográfica, que fazem parte do processo vital. Assim a língua expressa a organização de práticas sociais, ultrapassando sua dimensão apenas de representação em códigos e estruturas sintáticas e morfológicas.

A seguir Preti complementa essa ideia, afirmando que:

A língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. É através dela que a realidade se transforma em signos, pela associação de significantes sonoros a significados arbitrários, com, com os quais se processa a comunicação linguística. (*Idem, ibidem, p.1-2*)

No trecho destacado acima percebemos a língua em sua concepção funcional, sendo utilizada como um lugar de interação e possibilitando aos falantes se tornarem sujeitos que são frutos de um contexto histórico-social, que é dinâmico e sempre se renova.

Nesta configuração, se faz necessário sempre o reconhecimento desta diversidade plural que se dinamiza e acontece de modo histórico e geográfico com o português falado no Brasil, significando assim uma enorme importância ao entendimento acerca das variantes linguísticas por parte dos profissionais da educação e fazendo uma diferença fundamental diante do ensino formal das

crianças, jovens e adultos que transbordam diversidades linguísticas e culturais relacionadas a seus micros e/ou macros núcleos familiares formados na contemporaneidade.

Diante dessa realidade, a escola precisa incorporar uma postura de respeito e valor frente às diferentes identidades que se manifestam para provocar uma mudança na realização do processo de ensino e aprendizagem, tornando este momento prazeroso, com um ambiente de acolhimento, respeito e democracia. Rompendo com a ideologia hegemônica, na qual impõe apenas a língua em sua gramática normativa como correta, a língua deve ser considerada em seu contexto histórico-social e sua funcionalidade.

Quanto à língua escrita, esta deve ser ensinada ao educando sobre a necessidade de uma escrita ortográfica única para que possa originar uma leitura e escrita de fácil compreensão sem desprezar sua língua falada, exatamente como preveem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do ano de 1998. Afinal, estamos falando de nossa língua materna!

Frente aos fenômenos da variação, não basta somente uma mudança de atitudes; a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística. Desse modo, não pode tratar as variedades linguísticas que mais se afastam dos padrões estabelecidos pela gramática tradicional e das formas diferentes daquelas que se fixaram na escrita como se fossem desvios ou incorreções. E não apenas por uma questão metodológica: é enorme a gama de variação e, em função dos usos e das mesclas constantes, não é tarefa simples dizer qual é a forma padrão (efetivamente, os padrões também são variados e dependem das situações de uso). Além disso, os padrões próprios da tradição escrita não são os mesmos que os padrões de uso oral, ainda que haja situações de fala orientadas pela escrita. (PCN, 1998, p. 82)

A citação destacada dos Parâmetros Curriculares traduz o contrário do que ocorre nas escolas públicas brasileiras que recebem crianças, jovens e adultos originários de várias regiões do nosso imenso Brasil e que têm e o ensino focado em reforçar um padrão normativo da língua como único a ser utilizado nas formas oral e escrito. O que percebemos é que na realidade a norma padrão é restrita às pessoas por motivos de ordem social, cultural, econômica e principalmente política. E nós, educadores, em nosso exercício precisamos ponderar e refletir sobre a lógica na análise de quem se beneficia e a quem queremos formar, anulando assim qualquer chance de exclusão acerca do acesso a língua e principalmente sem distanciar os sujeitos e sua bagagem sociocultural do ambiente escolar, fazendo-os perceberem o momento ideal para o uso da língua padrão, o local e à quem estamos dirigindo a nossa fala, pois a oralidade realiza-se do nível mais informal ao mais formal, de modo a permitir a construção de textos coesos e coerentes.

Se partirmos do pressuposto de estarmos educando para além dos muros da escola, compreenderemos que a língua é dinâmica e não podemos cercá-la nos utilizando de escritos estabelecidos na gramática normativa para o ensino da língua portuguesa.

Necessitamos, então, desconstruir mitos e preconceitos a respeito da língua portuguesa e dos sujeitos que a falam, como nos sugere Bagno:

Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou ao respirar. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização: erra-se ao tocar piano, erra-se ao dar um comando ao computador, erra-se ao falar/escrever uma língua estrangeira. A língua materna não é um saber desse tipo: ela é adquirida pela criança desde o útero, é absorvida junto com o leite materno. Por isso qualquer criança entre os 3 e 4 anos de idade (se não menos) já domina plenamente a gramática de sua língua. (2007, p.124.)

Conforme a citação de Bagno, devemos ponderar nossas ações como educadores e observar o erro como um caminho na tentativa do acerto. E ainda, retornar a atenção aos conteúdos da escrita e em um momento posterior nos atentar à sua forma ortográfica. Até mesmo na ortografia oficial ocorrem mudanças constantes o que vem a justificar qualquer confusão em sua adequação.

O nosso país é ricamente abarcado pelas singularidades advindas de sua extensão que forma a nação brasileira. Singularidades ocasionadas por fatores diversos onde cada indivíduo produz a cultura e é fruto da mesma.

Fatores que são constantemente modificados também por deslocamentos acontecidos por diversas razões dentre as quais estão a pobreza e a procura por um emprego. Culturas que se misturam e se transformam em uma nova e assim consecutivamente. Como pode este movimento constante e necessário se emparedar para atender a questões estritamente políticas?

Constatamos, então, que a língua é cultural e depende de um processo histórico para existir. E o que se percebe é que houve uma inversão deste processo histórico, pois, se a língua falada é anterior à língua escrita e estas antecedem a gramática normativa, como pode este instrumento que é a gramática normativa definir e excluir marginalizando os não falantes da língua padrão?

Pois se a gramática normativa surge em decorrência da língua com a finalidade de descrever padrões expressos por grandes escritores, a mesma se

manifesta como instrumento de poder invertendo seu propósito. Logo, a língua se subordina à gramática.

Instrumento este que se manifesta como ferramenta para a manutenção do *status quo* das classes sociais privilegiadas abrindo um abismo para com os falantes das variedades não padrão da língua, que é estabelecido por questões sociais e principalmente políticas. É o que Bagno afirma em outras palavras quando diz que: *“a escrita funcionou, e ainda funciona, com a finalidade oposta: ocultar o saber, reservá-lo a uns poucos para garantir o poder àqueles que a ela têm acesso.”* (Ibidem, p.133)

O preconceito acontece e de forma silenciosa contagia aos outros que pormenorizam e negam as variedades estabelecendo um ‘ideal’ que não atende a demanda da dinâmica real da sociedade brasileira.

Em algumas regiões os sons das letras se diferenciam o que não deve ser tolhido, por exemplo, no ensino formal e principalmente na alfabetização. Quando isso acontece o sujeito se exclui acreditando que o seu saber é errado podendo diminuir seu interesse no processo de ensino e aprendizagem, ou abandonando seu sotaque ou até mesmo a escola.

O preconceito linguístico ocorre quando é negada ou não é reconhecida a grande diversidade linguística brasileira, pois falamos nossa língua materna e independente do momento, lugar ou condição social alcançamos a função primordial que é a comunicação e compreensão da língua.

A cultura se faz viva e latente desembocando na escola onde abriga este universo que se pluraliza com as singularidades existentes no cotidiano escolar. Pois cada um tem uma vivência, uma verdade e uma experiência que pode enriquecer o currículo escolar. E sendo a língua demarcada pelo ritmo, pela cultura e pelo sotaque tal diversidade deveria ser apontada como atributo fundante para a construção da identidade, pois a escola é constituída por educando e educadores oriundos de diversas partes do nosso Brasil que representam suas identidades que são primordiais para um conhecimento/reconhecimento de si e dos outros.

Em contrapartida, entendemos que a variação linguística apresenta diferentes falares e ritmos, assim como uma mesma pessoa fala de modo distinto em diferentes contextos, ou seja, as variações de uma mesma língua ocorrem devido a fatores sociais, culturais, regionais, históricos e também momentâneos. Assim como também se apresenta na maneira escrita.

1.2 Conhecendo a Literatura de Cordel

Para mostrar que a variação é parte fundante de nossa cultura conceberemos o folheto de cordel nordestino como gênero literário que apresenta traços marcantes da oralidade e ainda articulações verbo-visuais nas quais a palavra está intrinsecamente conectada à imagem composta na capa.

As características gerais de um folheto também são encontradas em outros países do mundo e não apresentam relação em sua produção. Segundo a pesquisadora Márcia Abreu: “*É no mínimo impreciso definir uma produção literária com base em locais e formas de vendas, vendedores, dimensões tipográficas, ou seja, recorrendo-se apenas a elementos extrínsecos à obra.*” (1999, p.20), o que reduziria a um gênero editorial apenas.

Tal produção pretende atender a grandes públicos, o que pode justificar as inúmeras tentativas da definição de cordel sob a ótica do material e da maneira de como são vendidas as publicações.

Ainda que sempre igualada à literatura de Cordel Lusitana, a literatura de Cordel Nordestina se distancia da mesma em vários pontos, apresentando características singulares e diversas:

Nada nesse processo [de composição, edição e venda] parece lembrar a literatura de cordel portuguesa. Aqui [no Brasil], haviam autores que viviam de compor e vender versos; lá [em Portugal], existiam adaptadores de textos de sucesso. Aqui, os autores e parcela significativa do público pertenciam às camadas populares; lá, os textos dirigiam-se ao conjunto da sociedade. Aqui, os folhetos guardavam fortes vínculos com a tradição oral, no interior da qual criaram sua maneira de fazer versos; lá, as matrizes das quais se extraíam os cordéis pertenciam, de longa data, à cultura escrita. Aqui, boa parte dos folhetos tematizavam o cotidiano nordestino; lá, interessavam mais as vidas de nobres e cavaleiros. Aqui, os poetas eram proprietários de sua obra, podendo vendê-la a editores, que por sua vez também eram autores de folhetos; lá, os editores trabalhavam fundamentalmente com obras de domínio público. (*Idem, Ibidem*, p.104-105)

Diante destas comparações realizadas pela Márcia Abreu, podemos perceber significativas diferenças entre as literaturas abordadas no trecho citado acima principalmente no que tange à produção dos textos.

As pelejas (desafios ou discussões cantados, onde de maneira alternada e improvisada cada cantador se utiliza de uma estrofe para responder às perguntas) aconteciam tanto nas grandes fazendas como na cidade e se encerravam quando um cantador propunha ao outro uma questão em que não se estava esperando e conseqüentemente não consegue retrucar. Ao vencedor era de direito cantar suas composições.

As composições eram retratos do cotidiano nordestino que eram realizados em quadras, posteriormente passou a ser realizados em sextilhas (conjunto de seis versos) já no fim do século XIX. E a necessidade de uma regularidade que constitui padrões fixos que facilitam na memorização da composição advém de uma possibilidade para a perpetuação da criação. Já os folhetos surgem por volta do ano de 1890¹ contando com as obras dos poetas Leandro Gomes de Barros e João Martins de Athayde.

Assim, a literatura de folhetos nordestinos tem início primeiro na modalidade oral e posteriormente de forma impressa com finalidade de atingir maiores públicos e registrar a cultura oral.

Este processo demora a acontecer porque muitos poetas ainda acreditavam nas apresentações excepcionalmente no modelo oral. Para que a venda se efetivasse eram cantados trechos dos folhetos no momento em que eram demonstrados.

Grande parte dos poetas eram da zona rural, tiveram poucos estudos ou até mesmo nenhum e aprenderam a ler e escrever sozinho ou com parentes e conhecidos.

Segundo Abreu, alguns dos poetas que *“iniciaram a vida profissional como operários, vendedores, agricultores, almocreves, mas, assim que conseguiram editar e vender folhetos, abandonaram o antigo ofício, passando a se dedicarem apenas ao trabalho com os versos”* (Ibidem, p.93) que atendia a variados públicos, desde as pessoas da cidade até as do interior.

Ali deixei a enxada
E disse, eu faço é assim:
Eu vou é fazer meus versos
É a melhor coisa pra mim

¹ Fonte: ABREU, Márcia: *Histórias de Cordéis e Folhetos*. Coleção História de Leitura. Campinas: Mercado das Letras/ Associação de Leitura do Brasil, 1999.

Dei a enxada à ferrugem
E o cabo ao cupim.²

A originalidade e autenticidade também se apreciam nas capas, onde os poetas (dentre eles, o Leandro Gomes de Barros que também utilizou sua casa como local de vendas anunciando seu endereço nas capas e contracapas de seus folhetos) estampam seus nomes ou fotos para garantirem a propriedade dos textos.

Os folhetos também poderiam ser encomendados pelo correio ou comprados em livrarias, mas a maior parte das vendas era realizada pelos poetas ou revendedores que percorriam tanto a cidade quanto a área rural, que não se distinguiam apesar da maioria dos leitores e poetas pertencer à camada pobre da população.

Alterações gráficas ocorreram a partir de modificações feitas por João Martins de Athayde, que antes de suas reformulações um mesmo folheto contava diferentes histórias para aproveitamento do número de páginas. Agora com definidos números de páginas pares limitam os folhetos a uma única história. Então a estrutura permite classificar se determinada obra é folheto de cordel.

Dessa forma o número de páginas determinava, inicialmente, o assunto a ser abordado. Os folhetos são impressos nos dois lados de cada folha, assim os folhetos de oito páginas trazem em seu conteúdo diversos temas circunstanciais, os de dezesseis páginas apresentam os romances. Já os folhetos que comportam de vinte e quatro a cinquenta e quatro páginas abrigam narrativas ficcionais. As capas também se enquadram na estruturação, além das variedades de cores (brancas, amarelas, azuis, rosas, entre outras), os desenhos, xilogravuras e fotografias vinculadas ao tema abordado, além do título e nome do autor.

Muitas mudanças ocorreram, primeiramente eram os poetas que criavam, aditavam e vendiam, alguns contavam com o auxílio de revendedores que recebiam comissões sob o material vendido. O primeiro editor que não era poeta surgiu em decorrência da morte de Leandro Gomes de Barros que deixou o direito de reprodução de suas obras ao seu genro Pedro Batista.

Como não havia fontes interessadas na promoção da literatura de folhetos, assim como escolas. Bibliotecas ou acervos dispostos a colecioná-los, então para

² Versos de Manoel Vieira do Paraíso, transcritos por Átila de Almeida em notas sobre a poesia popular, *apud* Abreu, 1999, p.93-94.

permanecerem ditos e reeditados dependiam da aceitação do público nas apresentações orais, caso contrário o mesmo poderia desaparecer. Diante de tal realidade, no início não há como diferenciar a produção de um autor e outro. E ainda assim alguns autores conseguiram se destacar. Foram eles: Francisco das Chagas Batista, João Martins de Athayde e Leandro Gomes de Barros que fixaram as normas de composição dos folhetos que perduram até os dias atuais.

Depois de conhecermos a origem e a história da literatura de cordel nordestino, ou literatura de folhetos, nos debruçaremos sob o folheto “Resposta ao professor caçador de um português caboclo”, de Abdias Campos, que traz a xilogravura de Dila. Este folheto será analisado no capítulo a seguir, considerando a linguagem verbal e a linguagem visual da obra.

CAPÍTULO 2 – LENDO O CORDEL

O objetivo deste capítulo é analisar as linguagens trazidas no folheto e apresentar de forma contextualizada o texto e o contexto, necessários para compreendermos a obra: “Resposta ao professor caçador de um português caboclo.”

Figura 1



1. Prumode num sei praquê
Eu num sei Cuma vancê
Tem corage de mi dizê
Qui eu num posso istudá
Pôï pa iscrevê cordê
Eu tem qui sê tabaré
E só butá no papé
Coisa errada pa daná
2. Crie juízo prefessô
Tô falano cum sinhô
Que deve sê formado
De aluno intiligente
E num saí espaino
Que a gente só vévi errano
Pa o sinhô insinano
Pudê corrigi a gente!
3. Ôiça esse recado bem
Pa num insiná ninguém
Errado, sem sabê quem
Foi qui dixê isso ao sinhô
Qui os córdézim qui nóï fai
Parece iscrito pa trai
Qui o portuguei que nóï trai
É bruto Cuma o sinhô
4. Ói! Desça um cadim aqui
Qué pru sinhô mi ouví
E nunca mai insistí
Im dizê pru seu zaluno
Qui hai um purguei caboco
Qui a iscrita é sufoco
E qui o pueta é um loco
Do portuguei moribuno
5. É verdade qui o Brasí
Aqui, aculá, ali
No cumecim de izistí
Tinha munto anarfabeto
Num era só uns pueta
Da roça, qui era atreta
Do portuguei qui compreta
Nosso Brasí predileto
6. Mai arguém istudô mai
É qui nóï fumo capai
Di í istudano quai
Iguarzim ao sinhô
Passemo a sabê tomém
A iscrevê feito arguém
Qui fai anotação bem
Dêreitim cumum dotô
7. Essa istóra di falá
Pu seu zaluno istudá
Quêles tem di pisquizar
Os vérsin qui nóï iscreve
Pruquê tão riquin de êrro
É falação de interro
Prefessô, isso é disterro
Qui o sinhô si atreve
8. Ô li farta intindimento
Ô mermo cuincimento
Pa pensá quiu movimento
Da vida pa nóï parô
Será quiu sinhô num vê
Qui é loguim vormice
Qui fai uszoto aprendê
Ô sisqueceu prefessô?
9. Sio sinhô acha bunito
Quano vê qui foi iscrito
Num portuguei isquizado
As puizia da gente
Fique sabeno tomém
Qui a maió parte hoje tem
Sabê pá insiná quem
Num sabe quem somo agente.
10. Pisquizá é pirigoso
E pode sê inganoso
Pa quem é istudioso
Ficá pensano qui sabe
Pôï nóï carece é vivê
Qui é pa pudê intendê
Sem insinano querê
Botá troço one num cabe

11. Tem uns colega da gente
 Arguns pueta decente
 Qui são munto intiligente
 Mai num pudero istudá
 Pruquê num tinha sustança
 E prumode inchê a pança
 Butaro desde criança
 Os bichim pa trabaiá

12. Eu mermo inté 8 ano
 Só vivia pastorano
 O gado de pai e quano
 Si mudemo pa cidade
 É qui eu pude istudá
 Mai os custume de lá
 Inté hoje na gente tá
 Pa minha filicidade

13. Mai no jeito de iscrevê
 Mudei qui dá gosto vê
 Eu aprendi foi sabê
 Cum munta simpricidade
 Fui creceno, fui creceno
 Cada vei mai eu fui veno
 E terminei foi fazeno
 O cusso de facudade

14. Mai né quincontrei na rua
 Uma moçona qui sua
 Cabeça andava na lua
 Correno atrai de cordé
 Qui tivesse iscrito errado
 Qui o professô tinha dado
 Aula e bem ispricado
 Qui esse era o seu papé !

14. Ela já tinha batido
 Inté nos canto iscondido
 Nos buraquim tinha ido
 Mai nada di incontrá
 Aí si dizisperô
 Entonce pa mim falô
 Qui as editora mudô
 O ziscrito originá

16. Eu dixee a ela: foi não !
 Moça, mim preste atenção
 Num faça essa confusão
 Diga lá pu professô
 Qui os pueta diagora
 Butaro a zunha di fora
 Sabe mai dos qui decora
 Pruquê tomem istudô

17. Ela saiu rimungano
 Inda num tava aceitano
 Tarvei inté matutano
 Quem é mai qui um professô?
 Se ele dixee, tá dito
 E butô o seus cambito
 A precurá o ziscrito
 Qui acho, nunca incontrô

18. Todo ciente queu ia
 Mim falava qui haivia
 Passado ali a "Maria"
 Caçadeira di cordé
 E era a merma agunia
 Pa incontrá puizia
 Feita cheia di ingrizia
 Cuns portugueizim ralé.

FIM

NOTA

Naquele meio de semana, não lembro bem o dia, no centro de Recife, no ambiente comercial de um livreiro do sebo, o desespero com o qual se agarrara aquela universitária para encontrar cordéis “originais”, que fosse escrito com o “vocabulário errado”, me pareceu comovente e patético.

Comovente porque ela só sabia que o professor havia ensinado assim; e patético porque mesmo tendo conversado com pessoas da área: cordelistas e comerciantes de cordéis, alguns com mais de trinta anos no ramo, ela se mantinha irredutível, em querer encontrar as tais brochuras de linguajar iletrado.

De tanto procurar, terminou por achar a justificativa para os folhetos bem escritos que recolheu: “as editoras estavam alterando os textos originais, realizando correções ortográficas.”

A verdade é que nós temos muitos cordelistas, novos e velhos, com curso superior em diversas áreas. E mesmo os que não se formaram ou aqueles que têm pouco estudo de bancada, vivem se atualizando através da leitura e dos veículos de comunicação que a cada dia se tornam mais presentes na vida dos brasileiros.

Figura 2

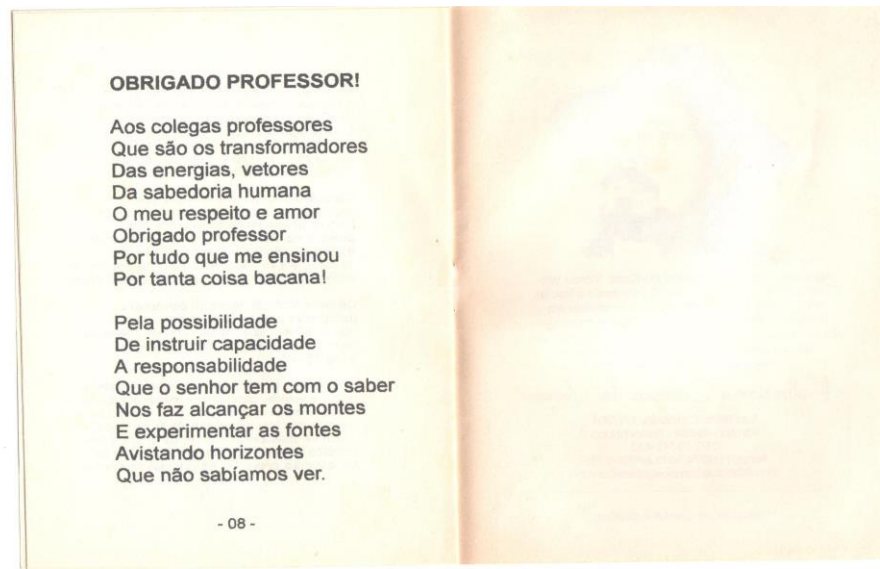


Figura 3



Foto: Newton Campos

Abdias Campos, paraibano do Cariri. Morou em Caruaru/PE e na década de 80 veio para o Recife, onde estudou Administração de Empresas na Universidade de Pernambuco. Vive da música, da poesia e da literatura de cordel, pela graça de Deus e pelo dom que recebeu de graça.

www.abdiascampos.com.br

Folhetaria Campos de Versos

Rua Mário Campelo, 171/204
Várzea - Recife - Pernambuco
CEP: 50741-430
Fone: (81) 3274.3693 / 9906-9706
email: abdiascampos@terra.com.br

***Literatura de Cordel é Cultura**

O folheto de cordel é um gênero verbo-visual, constituído pela palavra escrita e pela imagem contida nas xilogravuras, desenhos ou fotografias. O que podemos sugerir ao folheto um gênero verbo-visual pois reúne a linguagem verbal atrelada a linguagem visual trazendo sua singularidade.

Dessa forma traremos análises tanto dos elementos verbais quanto dos elementos visuais presentes no folheto escolhido para percebermos o diálogo entre a capa e o texto.

A xilogravura, como elemento visual, aparece na capa dividindo os elementos verbais, que na parte superior do folheto traz o nome do autor: “*Autor: Abdias Campos*” que com uma linha pontilhada e uma reta se separa do título do folheto “*Resposta ao professor caçador de português caboclo.*” E na parte inferior consta o nome do autor da xilogravura: “*Dila*”, o nome da cidade o ano: “*Recife – 2005.*”

O cordelista Abdias Campos também é violeiro e compositor. Nasceu na Paraíba e foi criado em Pernambuco. Apresenta uma vasta obra de aproximadamente 100 (cem) cordéis que abarcam variados temas como: família, religião, racismo, infância, natureza, educação e cultura.

Este folheto apresenta xilogravura de Mestre Dila, José Soares da Silva que, assim como Abdias, nasceu na Paraíba (porém em cidades diferentes) e quando pequeno mudou-se para Pernambuco. Além de xilogravurista também é cordelista e assina com outros pseudônimos além de Dila. No ano de 2002 ganhou título de Patrimônio Vivo de Pernambuco.

A xilogravura é uma técnica utilizada para fazer gravuras com o auxílio de madeiras entalhadas que se assemelham a um carimbo.

Estes são dados que contribuem para nos contextualizar a relação dos elementos verbais e visuais que constituem o folheto analisado.

No título, todas as letras se apresentam em caixa alta, porém as três primeiras palavras estão em fonte maior o que dá uma ênfase na proposta do folheto: uma resposta ao professor, que é caçador (e não um pesquisador) de um folheto escrito com um português caboclo (um português diferenciado, particular dos nordestinos).

Já na xilogravura presente na capa, estão conversando uma moça com feição de desapontada que aparentemente lê um folheto, vestida com saia longa, blusa com gola e cabelos longos. E um senhor negro que se dispõe a conversar trajando chapéu com paletó e gravata, cabelos longos que está segurando, aparentemente,

uma enxada ou cajado marcando certa formalidade. Há ainda três crianças, um menino e duas meninas que parecem ler algo. O que chama a atenção é que a enxada ou cajado parece determinar fronteiras ou limites quanto as etnias, as profissões e possivelmente a classe social marcando o diálogo entre a universitária e o cordelista.

Analisando a estrutura formal do folheto, o cordel é escrito em 6 (seis) páginas contando com 18 (dezoito) estrofes escritas em 8 (oito) versos cada e de sua maioria heptassílabos. Apresentando uma nota explicativa na página 7 (sete) e uma mensagem de agradecimento ao professor na página 8 (oito).

Na contracapa traz uma fotografia do autor Abdias Campos retratado por Newton Campos. E abaixo da imagem, uma pequena biografia seguida de seu site, contatos e endereço da folheteria Campos Versos.

E por fim a frase acompanhada de um asterisco “*Literatura de cordel é cultura.”

O autor conta a esta história com a grafia escrita do modo como falam os nordestinos como resposta a um professor que pediu a sua aluna que achasse um folheto escrito fora da norma padrão, designado pelo professor como “escrito de maneira errada”.

Prumode num sei praquê
 Eu num sei Cuma vancê
 Tem corage de mi dizê
 Qui eu num posso istudá
 Pôï pa iscrevê cordé
 Eu tem qui sê tabaré
 E só butá no papé
 Coisa errada pa daná/ 1/

Crie juízo prefessô
 Tô falano cum sinhô
 Que deve sê formado
 De aluno intiligente
 E num saí espaino
 Que a gente só vévi errano
 Pa o sinhô insinano
 Pudê corrigi a gente /2/

Ôiça esse recado bem
 Pa num insiná ninguém
 Errado, sem sabê quem
 Foi qui dixé isso ao sinhô

Qui os córdezim qui nói fai
 Parece iscrito pa trai
 Qui o portuguei que nói trai
 É bruto Cuma o sinhô /3/

O autor então joga com as palavras contestando o fato da generalização e da negação do outro no processo de globalização e evolução das relações e do acesso ao processo formal de ensino e aprendizagem.

O recado é dado ao professor em cada estrofe trazendo reflexões acerca da realidade nordestina e dos cordelistas.

O convite a conhecer a realidade a que se preza é estabelecido desmistificando e trazendo a ponderação quanto ao acesso aos estudos antes e atualmente.

Ó! Desça um cadim aqui
 Qué pru sinhô mi ouví
 E nunca mai insistí
 Im dizê pru seu zaluno
 Qui hai um purguei caboco
 Qui a iscrita é sufoco
 E qui o pueta é um loco
 Do portuguei moribundo /4/

É verdade qui o Brasí
 Aqui, aculá, ali
 No cumecim de izistí
 Tinha munto anarfabeto
 Num era só uns pueta
 Da roça, qui era atreta
 Do portuguei qui compraeta
 Nosso Brasí predileto /5/

Mai arguém istudô mai
 Eu num sei Cuma vancê
 Di istudano quai
 Qui eu num posso istudá
 Pôï pa iscrevê cordé
 Eu tem qui sê tabaré
 E só butá no papé
 Coisa errada pa daná /6/

E nas demais estrofes o autor discorre sobre a ideologia que traz o papel do professor e como este professor caçador é contrário a esta lógica que a educação estabelece, classificando e generalizando a uma única verdade.

Mostrando que cada um tem um conhecimento que pode ser compartilhado. E acima de tudo mostrando como uma pesquisa pode ser tendenciosa e pode ser fechada a uma única verdade que pode não ser encontrada. O texto traz também a insistência na busca por essa verdade estabelecida pelo professor caçador.

Nos vocábulos: ‘trabaiá’ e ‘vivia’ figuram o tema da sobrevivência que caracteriza a luta do dia-a-dia para uma vida digna que supra os bens e serviços essenciais para viver.

As palavras: ‘desde criança’ e ‘creceno’ caracterizam a transformação por meio de mudanças físicas e biológicas ao longo da vida.

‘Enganoso’ e ‘pirigoso’ traz a significação do algo de não é verdadeiro.

Os vocábulos que caracterizam valores designados pela cultura e civilização são: ‘custume’ e ‘vivia’.

A vontade de ter ocasionada pela euforia promovida pela possibilidade de se conquistar algo pode ser percebida no trecho abaixo:

Eu mermo inté 8 ano
 Só vivia pastorano
 O gado de pai e quano
 Si mudemo pa cidade
 É qui eu pude istudá
 Mai os custume de lá
 Inté hoje na gente tá
 Pa minha filicidade /12/

Mai no jeito de iscrevê
 Mudei qui dá gosto vê
 Eu aprendi foi sabê
 Cum munta simplicidade
 Fui creceno, fui creceno

Cada vei mai eu fui veno
 E terminei foi fazeno
 O cusso de facultade /13/

A citação acima traduz um estímulo impulsionado pela vontade e determinação e também indica a mudança de um lugar para o outro, tanto na esfera educacional quanto no movimento de mudança de um local físico.

Podemos identificar orgulho e satisfação no reconhecimento de sua identidade no trecho: “Mai os custume de lá, inté hoje na gente tá, pa minha felicidade”./12/

A moça que caça os folhetos traduz que as variações linguísticas não tem reconhecimento por todos no Brasil. Reafirma a existência de uma cultura que nega as variedades linguísticas e que rejeita as manifestações dessas variantes, na medida em que, muitas vezes, são consideradas como deficiências de quem as fala ou as escreve, contribuindo para o preconceito linguístico.

Apresenta ainda discriminação quando afirma que existem cordéis escritos erroneamente relacionando o acesso a cultura à classe social a que pertencem os cordelistas apontados nos vocábulos: “ qui eu num posso istudá, e só butá no papé, coisa errada pra daná /1/; que a gente só vévi errano /2/; qui as editora mudô, o ziscrito originá /15/.”

Quando há a insistência da moça em procurar o folheto que traz uma escrita em português caboclo, generaliza todos os cordelistas a uma única escrita, a do português caboclo. Traduzindo também um preconceito social.

De acordo com Preti articularemos as variedades geográficas, sociais, situacionais e diacrônicas à análise.

As variedades geográficas representam as variantes que se definem devido a distância geográfica que separa os falantes, são os modos de se expressar em cada região do país. Podemos pensar também nos regionalismos que são estabelecidos na realidade urbana e rural. É a variante que a língua assume em diferentes lugares onde é falada. Também é expressa no vocabulário como podemos constatar nas seguintes expressões retiradas do folheto: “pa daná /1/; cadim /4/; riquin, é falação de interro, disterro /7/; sustança, e prumode inchê a pança /11/ e matutano, cambito /17/.”

Nessas construções as variantes assumem uma identificação que podemos reconhecer o regionalismo nordestino.

As variedades sociais são determinadas pelo ambiente em que o falante está inserido e que define sua classe social, grau de escolaridade, profissão, idade e gênero. Na verdade esta variedade define a lógica utilizada pelo cordelista Abdias Campos ao escrever o cordel de acordo com a oralidade.

Podemos exemplificar esta afirmativa nos vocábulos onde há a redução do gerúndio: “espaino, errano, insinano /1/; moribundo /4/; sabeno /9/; pensano, insinano /10/; pastorano, quano /12/; creceno, veno, fazeno /13/; rimungano, aceitano, matutano /17/.”

Também podemos observar a supressão da letra *r* no final da palavra: “dizê, istudá, cordé, butá, daná /1/; prefessô, sinhô, formadô /2/; insiná, pa /3/; pisquizá /10/ istudá, trabaiá /11/; iscrevê, cusso /13/; incontrá /15/.”

O plural é percebido no verso: “ As puizia da gente”. /9/ configurando traços da oralidade na escrita.

As variedades situacionais decorrem de acordo com a necessidade e o grau de formalidade. Ou seja, depende de quem fala, em que local e de qual assunto se está falando.

As variedades diacrônicas são variantes demarcadas de acordo com a época. Podemos perceber os estágios da língua ao comparar textos antigos com textos recentes. Esse tipo de variedade não foi encontrada no cordel escolhido para análise.

As diferentes tipologias de variação linguística estão interligadas e não comprometem a finalidade da comunicação.

Diante de tantas variações da linguagem oral o ideal é saber o momento adequado para se expressar de acordo com a situação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A variação linguística existe e se desenvolve de maneira natural e espontânea no meio social ao qual estamos inseridos. E o preconceito linguístico também é servido como preconceito social, fazendo-se necessário o reconhecimento das variantes linguísticas como variações da língua portuguesa e não como desvio da norma padrão. Com isso, conseguimos valorar a cultura brasileira que é ricamente representada em cada pedacinho do nosso país. Atribuindo valor aos diferentes falares que são resultantes de cada região.

A busca pela aproximação do sujeito com o que ele reconhece como de valor torna o ensino e a aprendizagem um caminho para a inclusão destes sujeitos movidos pela sua identificação.

O Cordel vem auxiliar este percurso a partir de sua história e superação de muitos cordelistas.

Percebemos também que a literatura de folhetos permite uma inversão de papéis, ou melhor, uma adição de papéis pois os sujeitos que não são considerados pessoas de elite se tornam autores, leitores, editores e também vendedores de suas obras.

É possível trazer, para a realidade da escola, estes saberes que podem dar sentido à leitura e escrita proposta pela escola. Estas são possibilidades importantes para uma prática alfabetizadora.

Na condição de educadores precisamos abordar conceitos como variação e mudança, oralidade e letramento, e acima de tudo como aplicá-los no ensino da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1999.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental (Brasília). Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1998. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf> acesso em 20-02-2013 às 17:30

PRETI, Dino. **Sociolingüística: os níveis da fala**. 9ª ed. São Paulo: Edusp, 2003.

ROIPHE, Alberto. **Folheto de cordel: um gênero verbo-visual**.

_____. **Didática do ensino de literatura: possíveis articulações verbo-visuais**. In: FERREIRA; SANGENIS (Orgs.) **Didática e prática de ensino de literatura: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. P.145-164.